



# **DESAFIOS EMOCIONAIS E PSICOLÓGICOS EM CASOS DE ADOÇÃO DE CRIANÇAS MAIORES: POSSIBILIDADES DE MANEJO CLÍNICO NA PERSPECTIVA ANALÍTICA JUNGUIANA**

## **Emotional and Psychological Challenges in Cases of Older Child Adoption: Possibilities of Clinical Management from the Jungian Analytical Perspective**

**Vitória Maria Ribeiro<sup>1</sup>**

**Marta Alice Nelli Bahia<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Discente do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru

<sup>2</sup>Orientadora e Docente do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru

**Resumo:** A adoção de crianças maiores, denominada adoção tardia, constitui tema de crescente relevância no Brasil, considerando que, segundo dados do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento de 2022, das 4.315 crianças disponíveis para adoção, 3.945 eram maiores de dois anos. A preferência por bebês resulta em milhares de crianças permanecendo em instituições de acolhimento até a vida adulta. Essas crianças apresentam históricos marcados por separações traumáticas, negligência, violência e institucionalização prolongada, manifestando-se através de comportamentos como hipervigilância, agressividade, dificuldades vinculares e padrões de apego inseguro. Este trabalho teve como objetivo apresentar os desafios emocionais e psicológicos enfrentados por crianças, adolescentes e pais no processo

de adoção tardia, bem como indicar possibilidades de manejos clínicos na perspectiva da Psicologia Analítica Junguiana. Foi realizada revisão de literatura sobre o tema. Identificou-se que os pais adotivos enfrentam desafios significativos como comportamentos agressivos, dificuldades com regras, autoridade e adaptação à rotina familiar, sendo fundamental a preparação adequada através de psicoeducação e alinhamento entre expectativas e realidade. As possibilidades de manejo clínico incluem recursos como *Sandplay*, *Sandwork* Expressivo, contos de fadas, desenho e trabalho familiar, permitindo acessar conteúdos não verbalizados e facilitar a elaboração de experiências traumáticas através da linguagem simbólica. Conclui-se que o acompanhamento psicológico especializado, o respeito à história pregressa da criança e a preparação das famílias são fundamentais para o sucesso da adoção tardia, sendo a psicologia analítica uma abordagem que oferece recursos terapêuticos diferenciados para a construção de vínculos saudáveis e integração da nova identidade familiar.

**Palavras-chave:** Adoção tardia; Crianças maiores; Manejo clínico; Psicologia analítica junguiana; Vínculo parento-filial

**Abstract:** The adoption of older children, called late adoption, is a topic of growing relevance in Brazil, considering that, according to data from the National Adoption and Foster Care System in 2022, of the 4,315 children available for adoption, 3,945 were over two years old. The preference for babies results in thousands of children remaining in foster care institutions until adulthood. These children present histories marked by traumatic separations, neglect, violence and prolonged institutionalization, manifesting through behaviors such as hypervigilance, aggression, bonding difficulties and insecure attachment patterns. This study aimed to present the emotional and psychological challenges faced by children, adolescents and parents in the late adoption process, as well as to indicate possibilities of clinical management from the perspective of Jungian Analytical Psychology. A literature review on the subject was carried out. It was identified that adoptive parents face significant challenges such as aggressive behaviors, difficulties with rules, authority and adapting to family routines, with adequate preparation through psychoeducation and alignment between expectations and reality being fundamental. Clinical management possibilities include resources such as Sandplay, Expressive Sandwork, fairy tales, drawing and family work, allowing access to non-verbalized contents and facilitating the elaboration of traumatic experiences through symbolic language. It is concluded that specialized psychological follow-up, respect for the child's previous history and adequate preparation of families are fundamental for the success of late adoption, with Analytical Psychology being an approach that offers differentiated therapeutic resources for building healthy bonds and integrating the new family identity.

**Key Words:** Late adoption; Older children; Clinical management; Jungian analytical psychology; Parent-child bond.

## Introdução

A adoção é uma medida de proteção que visa garantir a uma criança ou adolescente, cujo vínculo com a família biológica foi rompido, o direito a um novo núcleo familiar (Peixoto *et al.*, 2019). Historicamente, o principal objetivo era atender

interesses de adultos que, por alguma razão, não podiam ter filhos biológicos. No Brasil, em 1828, foi criada a primeira legislação sobre adoção, que possuía o intuito de ajudar as pessoas que, por algum motivo, não podiam ter filhos a solucionar o sentimento de serem pai e mãe. Antes dessa primeira legislação, não existia uma lei sobre a adoção no país, e por esse motivo a adoção não era formalizada, dessa forma, a adoção estava ligada a atos de caridade e a uma forma de obter mão de obra gratuita. Outro meio de adoção que se desenvolveu no Brasil, até os anos 80, chamava-se Adoção à Brasileira, que consistia em uma prática ilegal de registrar em cartório uma criança que foi concebida por outra pessoa (Silva *et al.*, 2023).

No decurso da história da adoção no Brasil, existiu um número significativo de crianças e adolescentes que tiveram seus direitos negligenciados e violados; todavia, houve modificações no processo de regulamentação da adoção ao longo dos tempos, saindo de uma visão de adoção caritativa que tinha o foco na religião e caridade, para uma adoção que prioriza o bem-estar e o desenvolvimento integral da criança e do adolescente. No entanto, ao longo dos anos, seu significado e propósito foram ressignificados, sendo atualmente reconhecidos como uma forma legítima de exercício da parentalidade (Silva *et al.*, 2023).

Hoje em dia os processos de adoção são regulamentados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Lei n°. 8.069, 1990), na Lei Nacional de Adoção (Lei n°12.010, 2009) e no artigo 227 da Constituição Federal Brasileira (CFB, 1988), essas normativas estabelecem que a família, o Estado e a sociedade têm a responsabilidade de garantir a proteção integral, a dignidade e os direitos fundamentais da criança e do adolescente, independentemente da situação em que se encontrem.

Com melhorias realizadas em conjunto à Lei Nacional de Adoção (2009), foi criado o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA, 2019) que se trata de uma ferramenta de cadastro para facilitar o reconhecimento de crianças e adolescentes e os pretendentes a pais. Segundo dados do SNA, em 2022, havia um total de 4.315 crianças e adolescentes para adoção, onde 3.945 eram crianças maiores que dois anos de idade (Silva *et al.*, 2023).

De acordo com Silva *et al.* (2023) a maioria das famílias preferem a adoção tradicional, crianças com menos de dois anos, pois acreditam que estas possuem menos vínculos com seu histórico familiar, sendo comparadas a uma “página em branco”. No entanto, é alarmante o número de crianças acima dessa idade que aguardam por uma família, sendo inseridas em uma categoria de adoção tardia. O

conceito de adoção tardia está cercado por estereótipos sociais que associam essas crianças a um passado controverso. Esses preconceitos podem levar essas crianças a crescerem em Lares de Acolhimento até chegarem à vida adulta.

Crianças maiores geralmente não são a preferência da maioria dos pretendentes à adoção e por esse motivo, costuma ser uma opção mais comum para casais que já vivenciaram a parentalidade, pessoas solteiras, divorciadas ou viúvas que não desejam ou não têm a disponibilidade para cuidar de um recém-nascido. A justificativa mais frequente para essa escolha de adoção de criança maiores está relacionada às dificuldades na educação de uma criança maior e à busca por uma adaptação mais fácil entre pais e filhos, sem a influência de vivências anteriores. A preferência por bebês é, muitas vezes, uma tentativa de reduzir os impactos das experiências prévias da criança, permitindo que a família construa um vínculo que se aproxime do modelo biológico (Sampaio *et al.*, 2018).

Atualmente, discutir a adoção de crianças maiores torna-se fundamental não apenas devido ao número de crianças e adolescentes para esse processo, mas também pela importância de desconstruir mitos e questões pertinentes, especialmente no que se refere a esse tema. A adoção de crianças maiores enfrenta inúmeros desafios devido à preferência por bebês, o que leva milhares de crianças e adolescentes a permanecerem em instituições de acolhimento. É válido a tratativa de compreender os impactos emocionais e psicológicos desse processo, tanto para os adotados quanto para os adotantes, além de explorar manejos clínicos que possam facilitar a adaptação e fortalecer os vínculos familiares.

O objetivo desse trabalho é apresentar os desafios emocionais e psicológicos no enfrentamento da adoção de criança, adolescentes e pais, bem como, indicar as possibilidades de manejos clínicos terapêuticos na perspectiva da psicologia analítica junguiana na adoção de crianças maiores.

## **Metodologia**

Para a elaboração deste trabalho, foi realizada uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo, com base em revisão de literatura. A escolha por esse tipo de pesquisa foi dada pelo fato de que os aspectos emocionais e psicológicos da adoção de crianças maiores ainda são pouco discutidos de forma aprofundada, especialmente no que diz respeito às possibilidades de manejo clínico por parte dos profissionais da

Psicologia. Dessa forma, a metodologia adotada reuniu e refletiu sobre os conhecimentos já produzidos sobre o tema, contribuindo para uma compreensão mais ampla das questões que envolvem a adoção de crianças maiores.

A revisão de literatura foi conduzida por meio da consulta a materiais físicos e eletrônicos. Foram utilizados livros e artigos científicos localizados nas plataformas Scientific Eletronic Library Online (SciELO) e no Google Acadêmico, priorizando produções recentes e relevantes para a temática, realizada durante os meses de fevereiro a junho de 2025. As palavras-chave utilizadas nas buscas incluíram: adoção tardia, adoção de crianças maiores, percepção e desafios dos psicólogos na adoção tardia, entre outras variações pertinentes ao recorte temático.

Segundo Brizola e Fantin (2016) revisão de literatura possibilita caminhos que:

A revisão de literatura ajuda: (a) delimitar o problema de pesquisa, (b) auxiliar na busca de novas linhas de investigação para o problema que o pesquisador pretende investigar, (c) evitar abordagens infrutíferas, ... procurar caminhos nunca percorridos, de identificar trabalhos que já realizados.

Somando-se todas as bases de dados dos artigos publicados entre os anos de 2014 e 2025, em português e inglês, foram encontrados 143 artigos científicos sobre adoção tardia, adoção de crianças maiores e percepção e desafios dos psicólogos na adoção tardia. Após a leitura dos títulos, foram selecionados e analisados 4 artigos. Dentre os materiais para a pesquisa, utilizou-se de livros físicos. As obras escolhidas têm relação direta com o tema proposto e com as abordagens psicológicas voltadas ao desenvolvimento emocional, à criação de vínculos e ao acolhimento no contexto da adoção, assim como artigos com enfoque no manejo e técnicas na psicologia analítica junguiana. Além disso, buscou-se priorizar autores reconhecidos na área da psicologia do desenvolvimento, psicologia clínica e políticas públicas voltadas à infância e adolescência.

Assim, foram excluídos da análise artigos que não apresentavam relação direta com o tema, que estavam duplicados ou que não estavam disponíveis na íntegra. A seleção final permitiu uma base teórica sólida para embasar as discussões desenvolvidas ao longo do trabalho, contribuindo para compreender não apenas os impactos da adoção de crianças maiores, mas também para refletir sobre práticas que

possam fortalecer o vínculo entre adotados e adotantes, respeitando as singularidades de cada história.

## **Desenvolvimento**

As crianças maiores em situação de adoção frequentemente apresentam históricos complexos de vida que resultaram na destituição do poder familiar. Segundo Peixoto *et al.* (2019), essas experiências podem incluir separações traumáticas, negligência parental, violência física ou psicológica, e períodos prolongados de institucionalização. Essas vivências anteriores deixam marcas profundas no desenvolvimento psicológico das crianças, influenciando diretamente sua capacidade de estabelecer novos vínculos afetivos. O rompimento com a família biológica representa apenas o início de uma trajetória marcada por múltiplas rupturas, que se estendem desde a saída do ambiente familiar de origem até a passagem por diferentes instituições de acolhimento, criando um padrão de descontinuidade que afeta significativamente a construção da identidade e da confiança básica da criança.

O histórico de convivências complexas com a família de origem, vizinhos ou conhecidos, além da passagem por instituições de acolhimento são as principais especificidades da adoção de crianças maiores (Sampaio *et al.*, 2018). As experiências vão se acumulando no histórico dessas crianças desde o rompimento com a família biológica, incluindo a passagem por entidades de acolhimento, até a chegada à família adotiva. Este acúmulo de experiências adversas cria um repertório comportamental e emocional que reflete estratégias de sobrevivência desenvolvidas em contextos de instabilidade e risco, tornando o processo de adaptação a um ambiente familiar estável um desafio complexo que requer tempo, paciência e compreensão especializada ou particularizada. Segundo esses autores, crianças com histórico de rupturas vinculares podem apresentar padrões de apego inseguro ou desorganizado, manifestando-se através de comportamentos como hipervigilância, agressividade, retraimento social ou busca excessiva por atenção.

Pode-se dizer que a construção de um novo vínculo parento-filial será permeada pelas vivências anteriores, num processo que demanda envolvimento de ambas as partes. A capacidade de estabelecer vínculos seguros é fundamental para o desenvolvimento emocional saudável dos pais adotantes e das crianças. A chegada

a uma família adotiva será perpassada pelas histórias, marcas e possíveis traumas vividos pela criança que, muitas vezes, é exposta a situações de risco registradas no aparelho psíquico como, por exemplo, descuido e desapego, e isso pode gerar dificuldades em criar novos vínculos (Sampaio *et al.*, 2018).

Silva *et al.* (2023) explicam que a desconfiança em relação aos adultos desenvolvida por essas crianças como mecanismo de proteção pode se manifestar através de testes constantes dos limites e do amor dos pais adotivos, comportamentos de provocação ou resistência a demonstrações de afeto. O processo de construção da identidade em crianças adotadas tardiamente apresenta complexidades específicas. Peixoto *et al.* (2019) destacam que é comum surgirem questionamentos sobre "quem eu sou", "por que fui abandonado" e "onde eu pertenço", evidenciando a necessidade de apoio especializado para que essas crianças possam elaborar sua história de vida de forma saudável.

O acesso ao passado se faz fundamental para que a criança possa fantasiar, perguntar e elaborar junto à família adotiva sua história. Segundo Sampaio *et al.* (2018), o histórico da criança adotada representa parte da sua identidade e não pode ser anulado, antes, deve ser integrado à nova ligação afetiva. Ressignificar, neste contexto, refere-se ao processo de atribuir novos significados e compreensões às experiências passadas, integrando-as de forma construtiva à narrativa de vida presente, sem negar ou apagar o que foi vivido, mas transformando o modo como essas vivências são percebidas e elaboradas emocionalmente. Ressignificar o passado fará parte do processo de construção da identidade da criança.

Os pais adotivos de crianças maiores frequentemente enfrentam o desafio de ajustar suas expectativas à realidade do processo. Sampaio *et al.* (2018) observam que muitos pais chegam ao processo com fantasias sobre como será a experiência de adoção, subestimando os desafios inerentes à integração de uma criança com história prévia de vida.

Frequentemente, a justificativa para preferência por bebês aparece relacionada com a dificuldade na educação de uma criança maior e com a busca por melhor adaptação entre pais e filhos sem interferência de aprendizados anteriores. Trata-se de uma tentativa de amenizar as consequências de vivências que a criança

possa trazer consigo, ou seja, os pais acreditam que ao adotar um bebê, conseguirão evitar lidar com traumas, comportamentos já estabelecidos e memórias de vínculos anteriores que possam dificultar a adaptação à nova dinâmica familiar. Essa escolha visa satisfazer o anseio da família de reproduzir um modelo biológico, isto é, vivenciar todas as fases do desenvolvimento infantil desde o início - como a amamentação, primeiras palavras, primeiros passos - criando a ilusão de que a criança "nasceu" naquela família e estabelecendo uma experiência de parentalidade que se aproxime ao máximo daquela vivenciada por pais biológicos, como se não houvesse diferença entre gerar e adotar (Sampaio *et al.*, 2018). Essa busca pela reprodução do modelo biológico revela a dificuldade de algumas famílias em aceitar e legitimar a história pregressa da criança como parte constitutiva de sua identidade.

Dentre a justificativa dessa preferência, as principais dificuldades relatadas durante o período de adaptação da adoção de crianças maiores, Sampaio *et al.* (2018) ressaltam o comportamento agressivo da criança, as dificuldades com regras e autoridade, o atraso escolar e problemas quanto à adaptação à rotina familiar, todas relacionadas às vivências passadas da criança. Peixoto *et al.* (2019) identificaram que essas dificuldades podem incluir falta de limites e/ou estímulos, comprometimento da saúde física e/ou psicológica, comportamento sexualizado, e dificuldades de relacionamento com os irmãos. A agressividade, o hábito de se utilizar de palavrões e oposições para lidar com contrariedades foram aspectos frequentemente observados.

Barros *et al.* (2021) identificaram quinze comportamentos infantis comumente presentes nas adoções de crianças maiores, dentre eles: surgimento de comportamentos regressivos na criança, agressividade, ritmo acelerado do desenvolvimento global, enfrentamento do preconceito social, e construção do vínculo de filiação. O comportamento agressivo apresentado pelas crianças no período inicial de convivência representa uma forma de testar o ambiente de forma a obter a certeza de que será aceita. Ao contrário do que muitas famílias esperam, a criança irá testar o ambiente e não causará maiores dificuldades imediatamente (Barros *et al.*, 2021).

Face ao exposto, as crianças maiores geralmente não são a preferência da maioria dos pretendentes à adoção e por esse motivo, costuma ser uma opção mais comum para casais que já vivenciaram a parentalidade, pessoas solteiras, divorciadas

ou viúvas que não desejam ou não têm a disponibilidade para cuidar de um recém-nascido (Sampaio *et al.*, 2018). Silva *et al.* (2023) enfatizam a importância de uma preparação adequada dos pretendentes à adoção. Os psicólogos consideram fundamental orientar as famílias, fornecendo psicoeducação em relação àquela criança, mostrando à família que a criança enfrentará desafios específicos e demandará atenção especializada.

O acompanhamento psicológico constitui uma modalidade fundamental de intervenção no processo de adoção de crianças maiores. Silva *et al.* (2023) destacam que o atendimento psicológico é essencial desde o início do processo, tanto para preparar os pretendentes quanto para acolher as demandas emocionais das crianças. Os psicólogos que atuam em Lares de Acolhimento acompanham as crianças e adolescentes diariamente, sendo responsáveis pela elaboração de laudos, pareceres e atestados, além de agirem como suporte emocional.

O trabalho terapêutico deve focar no desenvolvimento de habilidades como comunicação empática, estabelecimento de limites com afeto, compreensão sobre desenvolvimento infantil pós-trauma, manejo de comportamentos desafiadores e autocuidado parental. Para as crianças, Barros *et al.* (2021) enfatizam que o atendimento psicológico é necessário para ajudá-las na elaboração de sentimentos, expressões e adaptações necessários ao novo contexto familiar. O acompanhamento sistemático permite trabalhar questões relacionadas à elaboração do luto pela família biológica, desenvolvimento de habilidades de relacionamento, fortalecimento da autoestima e construção de uma nova narrativa integrativa. Os autores identificaram fatores importantes que contribuem para um processo de adoção efetivo: acolhimento (a criança precisa se sentir acolhida), vínculo afetivo (o processo precisa ser gradativo), conhecimento da criança (compreender seu perfil e características), e alinhamento de expectativas dos pretendentes com a realidade (Silva *et al.*, 2023). Sampaio *et al.* (2018) corroboram que conhecer o histórico da criança auxiliou as famílias na adaptação quanto às necessidades principais e na ressignificação de possíveis fatos do passado, muitas vezes dolorosos e marcados por rupturas e abandonos. Nesse sentido, o manejo clínico deve considerar as vivências anteriores da criança, trabalhando a ressignificação de possíveis traumas sem negar o histórico pregresso, mas integrando-o à nova realidade familiar.

O respeito à história pregressa foi essencial para a construção e manutenção do vínculo parento-filial. Por se tratar de adoção de criança maior, entende-se que essa nova construção se dará como uma via de mão dupla, numa adoção mútua capaz de ressignificar o passado, sem precisar apagá-lo (Sampaio *et al.*, 2018). Ressignificar, neste contexto, refere-se ao processo de atribuir novos significados e compreensões às experiências passadas, integrando-as de forma construtiva à narrativa de vida presente, sem negar ou apagar o que foi vivido, mas transformando o modo como essas vivências são percebidas e elaboradas emocionalmente.

Nesse sentido, a psicologia analítica, desenvolvida por Carl Gustav Jung, oferece contribuições relevantes para o trabalho com famílias adotivas. Esta abordagem compreende o ser humano em sua totalidade, considerando não apenas os aspectos patológicos, mas também o potencial criativo e o desenvolvimento contínuo da personalidade. A família adotiva constitui um ambiente por excelência em que o potencial arquetípico ganha formas singulares e se humaniza, o que reassegura o processo de individuação como um conceito basilar e necessariamente considerado nesse contexto (Benedito, 2021). A perspectiva junguiana torna-se especialmente relevante no trabalho com crianças maiores em situação de adoção, que frequentemente apresentam dificuldades em expressar verbalmente suas experiências traumáticas e emoções complexas, oferecendo recursos terapêuticos que permitem acessar conteúdos profundos através de linguagens simbólicas.

Um dos conceitos fundamentais da psicologia analítica é o de complexo. Complexos são aglomerados de associações dotados de energia própria que se manifestam através de reações emocionais intensas e comportamentos aparentemente involuntários, revelando conteúdos inconscientes que influenciam significativamente o funcionamento psíquico (Benedito, 2021). No contexto da adoção de crianças maiores, é fundamental compreender que as crianças frequentemente desenvolvem complexos relacionados ao abandono, à rejeição e à destituição do poder familiar. Estes complexos manifestam-se através dos comportamentos agressivos, da hipervigilância, da desconfiança em relação aos adultos e da dificuldade em estabelecer vínculos seguros, conforme descrito anteriormente por Sampaio *et al.* (2018), Peixoto *et al.* (2019) e Silva *et al.* (2023). O trabalho terapêutico

busca auxiliar na elaboração desses complexos, possibilitando que a criança desenvolva formas mais saudáveis de relacionar-se consigo mesma e com os outros.

O *Sandplay*, ou terapia da caixa de areia, foi desenvolvido pela analista suíça Dora Kalff e introduzido no Brasil por Fátima Salomé Gambini. Consiste em uma proposta terapêutica na qual as pessoas constroem cenas com miniaturas em caixas com areia, permitindo a expressão simbólica de conteúdos inconscientes. Gimenez (2016) observa que as crianças demonstram facilidade natural para mergulhar nas imagens criadas na areia e nas histórias que emergem desse processo. O objetivo central do trabalho com *Sandplay* é auxiliar o paciente a liberar o contato com suas próprias imagens, confiando no fluxo criativo que emerge através das cenas criadas, movimento que a autora denomina de “movimentar águas psíquicas”. Essa técnica permite que a pessoa busque ativamente o contato com o inconsciente através da criação de imagens enquanto acordada, num movimento complementar ao trabalho com sonhos, estabelecendo uma ponte entre consciente e inconsciente. Durante o processo terapêutico com *Sandplay*, o trabalho possibilita restabelecer a confiança nas imagens do inconsciente e na capacidade inerente de cada pessoa lidar criativamente com seus conteúdos psíquicos (Gimenez, 2016).

Uma abordagem mais recente e complementar ao *Sandplay* é o *Sandwork* Expressivo, desenvolvido pela analista junguiana Eva Pattis Zoja. O *Sandwork* constitui um método terapêutico de caráter não verbal que utiliza o jogo na caixa de areia, especialmente voltado para pessoas em situações de crise aguda, como desastres naturais, guerras e contextos de vulnerabilidade social (Zoja, 2011). Esta técnica baseia-se na psicologia analítica de Carl Gustav Jung e na Terapia do *Sandplay* desenvolvida por Dora Kalff, sendo aplicada em diversos países com crianças vítimas de violência e em situações onde a psicoterapia tradicional não é viável.

O *Sandwork* Expressivo diferencia-se do *Sandplay* tradicional por ser estruturado para aplicação em grupos e em contextos de emergência, mantendo o caráter não verbal como aspecto central. Zoja (2011) desenvolveu essa metodologia para permitir intervenções em larga escala, formando facilitadores que criam espaços seguros onde crianças traumatizadas podem encontrar recursos que aumentam sua resiliência. No contexto da adoção de crianças maiores, o *Sandwork* Expressivo pode

ser particularmente útil no trabalho com grupos de crianças em instituições de acolhimento, permitindo que elaborem seus medos e experiências traumáticas por meio da expressão simbólica na areia, sem a necessidade de verbalização, o que é especialmente importante quando as palavras ainda não conseguem alcançar a profundidade da dor vivida.

Ambas as técnicas, *Sandplay* e *Sandwork*, fundamentam-se no princípio junguiano de que a psique possui uma capacidade autorreguladora, produzindo espontaneamente imagens com o propósito de contrabalançar desequilíbrios mentais e emocionais. A criação de cenários na areia ativa processos de simbolização que auxiliam na elaboração de experiências complexas e na integração de aspectos dissociados da personalidade, favorecendo o processo de individuação da criança (Zoja, 2011).

Os contos de fadas constituem outro recurso fundamental na clínica junguiana infantil. Augusto (2023) menciona que os contos espelham mais claramente as estruturas básicas da psique e cada um aborda vários aspectos de nossa existência, traduzidos pelos arquétipos, que são temas antigos e universais da psique humana, que norteiam nossa relação no mundo. Além disso, os contos explicam o mundo para as crianças porque falam a mesma língua. Segundo a autora, a criança não só entende o que a história narra como confia no que lhe é transmitido e os benefícios são inegáveis pois oferecem à criança, sob forma de imagens simbólicas, possibilidades típicas e projetos para que ela possa sair vitoriosa do momento que está vivenciando (Augusto, 2023).

No contexto da adoção de crianças maiores, Augusto (2023) destaca que, das histórias que versam sobre o abandono, uma das que mais se destacam é o conto de João e Maria. Nesse conto, um lenhador que vivia em extrema miséria foi instigado pela mulher, madrasta das crianças, a deixá-las no bosque. As crianças, que não conseguiam dormir por conta da fome, ouviram tudo que a madrasta dizia ao pai. A narrativa apresenta temas ressonantes com as vivências de crianças maiores em situação de adoção: o abandono pelos pais em situação de vulnerabilidade, o medo, a fome e o desamparo. Segundo a autora, João e Maria demonstram que é possível sobreviver ao abandono, e as crianças, ao final, tomam para si os tesouros da malvada e retornam para casa, onde a madrasta estava morta e pai e filhos podem viver felizes

(Augusto, 2023). Esse percurso simbólico oferece às crianças adotadas uma narrativa onde, mesmo após experiências de rejeição e perigo, é possível encontrar recursos internos para a superação e alcançar um desfecho de acolhimento e segurança.

Além do *Sandplay* e dos contos de fadas, o desenho livre constitui outro importante recurso na clínica junguiana infantil. A psicologia analítica trabalha fundamentalmente com a imagem, considerando que esta é a linguagem da psique. Haubert e Vieira (2014) destacam que a produção plástica realizada pela criança através de desenhos, pinturas e modelagens permite o registro de suas expressões simbólicas, possibilitando o acesso a conteúdos inconscientes. No trabalho com crianças maiores que foram adotadas, o desenho oferece um meio seguro para a expressão de emoções intensas e experiências traumáticas. Através do desenho, a criança pode representar sua família de origem, sua passagem pelo acolhimento institucional, sua família adotiva e suas fantasias sobre pertencimento e identidade (Haubert e Vieira, 2014).

Na perspectiva analítica, o terapeuta entende que a família adotiva está diante do desafio de construir sua própria história. Esse processo exige a integração das histórias pregressas e, frequentemente, traumáticas, de todos os membros. O foco é a criação de uma nova narrativa conjunta, um campo onde o novo vínculo se estabeleça, permitindo que o casal e o filho adotivo possam transformar padrões antigos e alcançar um processo de individuação mútua, essencial para a saúde da nova parceria familiar (Benedito, 2021).

Uma adaptação relevante do *Sandplay* para o trabalho com famílias adotivas é o *Sandplay* Familiar, no qual todos os membros da família participam da construção de cenas na caixa de areia. Cada membro pode criar sua própria cena individual, seguida de uma cena coletiva onde todos contribuem para uma única composição. Este processo permite observar as dinâmicas relacionais, os padrões de comunicação e os conflitos que emergem na interação familiar. Gimenez (2016) ressalta que o trabalho com *Sandplay* possibilita restabelecer a confiança nas imagens do inconsciente e na capacidade inerente de cada pessoa lidar criativamente com seus conteúdos psíquicos.

No caso de famílias adotivas, o *Sandplay* Familiar oferece um espaço seguro para a expressão de fantasias, medos e expectativas relacionadas ao processo de adoção. A atividade de criar cenários em família facilita a comunicação não verbal e permite que conteúdos difíceis de serem verbalizados encontrem expressão simbólica. Os pais podem observar como a criança representa a família, enquanto a criança pode sentir-se mais segura para expressar suas percepções através das miniaturas. O terapeuta, ao observar a produção conjunta, identifica padrões relacionais, alianças, distâncias emocionais e os recursos criativos que a família possui para lidar com os desafios. Chalfon e Ramos (2022) destacam que o trabalho com a produção simbólica tem papel terapêutico, propiciando melhor compreensão dos conflitos por todos os envolvidos: psicoterapeuta, família e criança.

A construção da identidade familiar no contexto da adoção de crianças maiores apresenta especificidades que demandam atenção terapêutica especializada. Diferentemente da adoção de bebês, na adoção de crianças maiores há uma confrontação direta com a história pregressa da criança, suas memórias, seus vínculos anteriores e seus traumas, conforme destacado por Sampaio *et al.* (2018).

A psicologia analítica oferece recursos para trabalhar a integração dessas múltiplas narrativas na construção de uma nova identidade familiar. A família adotiva passa por um processo no qual precisa integrar elementos aparentemente contraditórios: a história biológica da criança e a nova família adotiva, o passado marcado por rupturas e o futuro que se constrói. O trabalho com famílias na perspectiva junguiana considera que a relação familiar constitui um local ricamente propiciador da individuação para todos os membros (Vargas, 2024).

O trabalho terapêutico com famílias adotivas deve focar no desenvolvimento de uma narrativa familiar que integre todos esses elementos sem negar nenhum deles. Como ressaltam Sampaio *et al.* (2018), o respeito à história pregressa foi essencial para a construção e manutenção do vínculo parento-filial, destacando que essa nova construção se dará como uma via de mão dupla, numa adoção mútua capaz de ressignificar o passado sem precisar apagá-lo.

Os pais adotivos frequentemente carregam medos relacionados ao processo adotivo, enquanto a criança carrega vivências de abandono e rejeição. O

trabalho terapêutico deve criar um espaço onde esses conteúdos possam emergir e ser elaborados simbolicamente, ampliando a consciência e fortalecendo os vínculos familiares. A família adotiva constitui um ambiente onde o potencial arquetípico ganha formas singulares, reassegurando o processo de individuação como conceito basilar (Benedito, 2021).

A aplicação da psicologia analítica no contexto da adoção de crianças maiores oferece uma abordagem que considera a complexidade dos processos psíquicos envolvidos. A utilização de recursos como o *Sandplay*, os contos de fadas e o trabalho com imagens permite acessar conteúdos que frequentemente não conseguem ser verbalizados, especialmente importante quando se trabalha com crianças que vivenciaram traumas e rupturas significativas.

Por fim, o trabalho com a família como um todo mostra-se fundamental para a construção de vínculos saudáveis e para a elaboração das experiências de perda e reconstrução inerentes ao processo de adoção de crianças maiores. A compreensão dos complexos que se manifestam e o reconhecimento das dinâmicas psíquicas que se apresentam oferecem caminhos terapêuticos para auxiliar famílias adotivas em seu percurso, oferecendo direção no processo de construção de uma nova identidade familiar que integre, sem negar, todas as histórias que a compõem.

### **Considerações finais**

O presente trabalho buscou compreender os desafios emocionais e psicológicos envolvidos na adoção de crianças maiores e apresentar possibilidades de manejos clínicos terapêuticos na perspectiva da psicologia analítica junguiana.

A partir da revisão de literatura realizada, constatou-se que a adoção tardia apresenta especificidades que a diferenciam da adoção de bebês. As crianças maiores trazem históricos de vida marcados por rupturas vinculares, negligência, violência e institucionalização, que se manifestam através de comportamentos desafiadores, dificuldades de adaptação e padrões de apego inseguro, demandando compreensão e acolhimento especializado.

A preparação adequada dos pretendentes à adoção mostrou-se fundamental. Muitas famílias chegam ao processo com expectativas idealizadas,

subestimando os desafios inerentes à integração de uma criança com história prévia de vida. A psicoeducação, o acompanhamento psicológico desde o início do processo e o alinhamento entre expectativas e realidade são essenciais para o sucesso da adoção.

O respeito à história pregressa da criança constitui aspecto essencial. O passado não pode e não deve ser apagado, mas sim integrado à nova narrativa familiar, permitindo que a criança desenvolva uma identidade coerente que abarque tanto sua origem quanto seu presente, facilitando a adaptação e o fortalecimento dos vínculos.

A psicologia analítica junguiana apresentou-se como abordagem relevante para o trabalho com crianças em adoção tardia e suas famílias. Os recursos terapêuticos como *Sandplay*, *Sandwork*, contos de fadas e o trabalho com imagens oferecem meios de expressão não verbal particularmente importantes para crianças que vivenciaram traumas e apresentam dificuldades em verbalizar suas experiências. Esses recursos permitem que conteúdos inconscientes sejam acessados e elaborados de forma segura e gradual.

O trabalho familiar também se mostrou fundamental, uma vez que a adoção tardia afeta todo o sistema familiar. O manejo clínico que inclui os pais adotivos, trabalhando suas expectativas, medos e dificuldades, contribui para a construção de uma base sólida para o estabelecimento de vínculos saudáveis.

Este trabalho apresenta limitações próprias de uma revisão de literatura, não tendo contemplado estudos empíricos ou acompanhamento direto de casos. Pesquisas futuras poderiam se beneficiar de estudos longitudinais que acompanhem famílias adotivas ao longo do tempo e de investigações sobre a eficácia de diferentes abordagens terapêuticas especificamente no contexto da adoção tardia.

Seria relevante ampliar as investigações sobre a aplicação da psicologia analítica junguiana no contexto da adoção, uma vez que a literatura brasileira ainda é escassa nessa interface. Estudos de caso e pesquisas sobre a efetividade dos recursos junguianos no trabalho com crianças adotadas tardiamente contribuiriam para o desenvolvimento de práticas clínicas mais fundamentadas.

No âmbito das políticas públicas, os achados reforçam a necessidade de investimento em programas de preparação psicossocial mais abrangentes para pretendentes à adoção e de acompanhamento sistemático no período pós-adotivo. O suporte oferecido às famílias não deve se encerrar com a finalização do processo legal, mas se estender pelo tempo necessário para que os vínculos se consolidem.

Conclui-se que a adoção de crianças maiores, embora apresente desafios específicos, é plenamente viável quando há preparação adequada, acompanhamento especializado e disponibilidade afetiva das famílias para acolher não apenas a criança, mas toda sua história. O trabalho terapêutico que se utiliza de recursos simbólicos pode contribuir significativamente para a elaboração das experiências traumáticas, para o fortalecimento dos vínculos e para a construção de uma nova identidade familiar que integre todos os elementos que a compõem, oferecendo às crianças o direito fundamental a um lar e uma família.

## Referências

AUGUSTO, M. R. **Era uma vez... Histórias de adoção**. São Paulo: Paulus. 2023.

BARROS, J. F.; RIBEIRO, P. W.; SOUZA, L. F. Os aspectos psicológicos da criança e do adolescente na adoção tardia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, n. spe 3, p. 1–13, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003215129>. Acesso em: 10 abr. 2025.

BENEDITO, V. L. D. Y. (Org.). **Desafios à terapia de casal e de família: olhares junguianos na clínica contemporânea**. São Paulo: Summus Editorial. 2021.

**BRASIL. Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 10 abr. 2025.

**BRASIL. Lei nº 12.010, de 3 de agosto de 2009**. Dispõe sobre adoção e altera o Estatuto da Criança e do Adolescente. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 4 ago. 2009. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm). Acesso em: 10 abr. 2025.

**BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 10 abr. 2025.

BRIZOLA, J.; FANTIN, N. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. **Revista de Educação do Vale do Arinos**, v. 3, n. 2, p. 23-39. 2016. Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/1738>. Acesso em: 01 jun. 2025.

CHALFON, M. S. T.; RAMOS, D. G. A terapia de sandplay no tratamento de crianças com sintomas de Transtorno Opositivo-Desafiador e Transtorno de Conduta. **Estudos de Psicologia**, São Paulo, v. 39, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202239e200223>. Acesso em: 14 nov. 2025.

**CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (CNJ)**. Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA). Brasília, DF: CNJ, 2019. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoes/adocao/sistema-nacional-de-adocao-e-acolhimento-sna/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

GIMENEZ, P. D. Sandplay: conflito e criatividade plasmados na areia. **Junguiana**, v. 34, n. 2, p. 33-44, 2016. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-08252016000200004](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252016000200004). Acesso em: 10 abr. 2025.

HAUBERT, Clarice; VIEIRA, André Guirland. Símbolos, complexos e a construção da identidade na psicoterapia com crianças. **Aletheia**, Canoas, n. 45, p. 222-237, dez. 2014. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942014000200017&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942014000200017&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 nov. 2025.

PATTIS ZOJA, E. **Sandplay therapy in vulnerable communities: a Jungian approach**. London: Routledge, 2011. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203817957>. Acesso em: 10 abr. 2025.

PEIXOTO, A. C. *et al.* Desafios e estratégias implementadas na adoção de crianças maiores e adolescentes. **Nova Perspectiva Sistêmica**, n. 63, p. 89–108, abr/ 2019. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/nps/v28n63/v28n63a07.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SAMPAIO, D. S.; MAGALHÃES, A. S.; CARNEIRO, T. F. Pedras no caminho da adoção tardia: desafios para o vínculo parento-filial na percepção dos pais. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 1, p. 311–324, 2018. DOI: <https://doi.org/10.9788/TP2018.1-12Pt>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SILVA, G. *et al.* Adoção tardia: percepção dos psicólogos sobre os desafios do processo de adoção de crianças maiores. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 7, e12212742615, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v12i7.42615>. Acesso em: 10 abr. 2025.

VARGAS, N. S. O casamento e a família como caminho de individuação. **Revista Junguiana**, v. 42, n. 1, 2024. Disponível em: <https://janguiana.sbpa.org.br/revista/article/view/119>. Acesso em: 14 nov. 2025.